



## Émile Benveniste e a *função histórica*: uma proposta de leitura<sup>1</sup>

### *Émile Benveniste et la fonction historique: une proposition de lecture*

Larissa Colombo Freisleben<sup>i</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Resumo:** Este trabalho propõe uma leitura do artigo “As relações de tempo no verbo francês”, publicado em 1959 por Émile Benveniste. Sugerimos que há, nesse texto, além da descrição da organização do sistema dos tempos verbais em francês, uma teorização sobre a linguagem. Em outras palavras, Benveniste parte da descrição de uma língua para formular uma propriedade geral da linguagem. Inicialmente, apresentamos o artigo de Benveniste em linhas gerais. Em seguida, tratamos de algumas das leituras que foram feitas desse texto, por Gérard Genette (1996), Harald Weinrich (2012), Paul Ricoeur (2010a, 2010b) e Jean Cervoni (1989). Por fim, avançando as proposições de Arrivé (1997), apresentamos nossa proposta de leitura: o artigo de Benveniste permite falar em uma *função histórica* como um aspecto geral da linguagem. Essa leitura sugere que a noção de *função* na obra de Benveniste ainda precisa ser melhor explorada.

**Palavras-chave:** Émile Benveniste; função histórica; teoria da linguagem

**Résumé :** Ce travail propose une lecture de l'article "Les relations de temps dans le verbe français", publié en 1959 par Émile Benveniste. Nous remarquons qu'il y a, dans ce texte, en plus d'une description de l'organisation du système de temps verbal en français, une théorisation à propos du langage. En d'autres mots, Benveniste part de la description d'une langue pour formuler une propriété générale du langage. D'abord, nous présentons l'article de Benveniste en lignes générales. Ensuite, nous présentons quelques lectures qui ont été faites de ce texte, par Gérard Genette (1996), Harald Weinrich (2012), Paul Ricoeur (2010a, 2010b) et Jean Cervoni (1989). Finalement, en avançant les propositions d'Arrivé (1997),

---

<sup>1</sup> Esse trabalho é fruto das reflexões oriundas do trabalho de conclusão de curso intitulado “Sobre a noção de função histórica: uma leitura de *As relações de tempo no verbo francês*, de Émile Benveniste” (FREISLEBEN, 2021), orientado por Valdir do Nascimento Flores.

nous présentons notre proposition de lecture: l'article de Benveniste permet de parler d'une *fonction historique* comme un aspect général du langage. Cette lecture suggère que la notion de *fonction* dans l'œuvre de Benveniste doit encore être mieux exploitée.

**Mots-clés:** Émile Benveniste; fonction historique; théorie du langage

## Introdução

Este trabalho propõe uma leitura do artigo "As relações de tempo no verbo francês", de Émile Benveniste. Nesse texto, publicado originalmente em 1959<sup>2</sup>, o linguista trata da organização dos tempos verbais no francês contemporâneo, propondo uma distinção que se tornou bastante conhecida entre *enunciação histórica* e *enunciação de discurso*. O artigo foi muito lido - e criticado - tanto no âmbito da linguística quanto em outros campos correlatos, como os estudos literários. Neste trabalho, defendemos o ponto de vista de que há, no texto de Benveniste, além da descrição de um sistema verbo-temporal específico - o do francês, uma proposição teórica que diz respeito a uma propriedade geral da linguagem e que se deixa antever na distinção entre *enunciação histórica* e *enunciação de discurso*. Em nossa leitura, sugerimos que tal propriedade seja chamada de *função histórica*, um aspecto geral da linguagem que se manifesta em cada sistema linguístico particular por meio de um duplo sistema: um sistema de presença de autorreferência e um sistema de ausência de autorreferência.

Para tratar de tal proposta de leitura, o trabalho se organiza em três partes: inicialmente, apresentamos o artigo de Benveniste em linhas gerais, com atenção para alguns problemas de leitura característicos à obra do autor; em seguida, referimos algumas das leituras e críticas que foram feitas a partir do artigo, dentro e fora do âmbito da linguística *stricto sensu*: tratamos de Gérard Genette (1996), Harald Weinrich (2012), Paul Ricoeur (2010a, 2010b) e Jean Cervoni (1989). Por fim, apresentamos nossa proposta de leitura, a partir principalmente de Arrivé (1997), que diz respeito à postulação de uma *função histórica* como um aspecto geral da linguagem na teorização de Émile Benveniste.

## 1. O artigo

---

<sup>2</sup> O texto foi inicialmente publicado no *Bulletin de la Société de linguistique de Paris LVI* e integra o primeiro volume dos *Problemas de Linguística Geral*.

Neste item, à luz das considerações de Flores (2013) sobre as dificuldades de leitura da obra de Benveniste, buscamos apresentar em linhas gerais o texto "As relações de tempo no verbo francês" levando em conta o lugar desse artigo na obra do linguista considerada em sua amplitude, o momento em que se situa cronologicamente em sua produção e a flutuação terminológica presente no artigo.

Em relação ao lugar do artigo no conjunto da obra de Benveniste, é necessário considerar que tratamos de um linguista que produziu uma quantidade impressionante de trabalhos tratando sobre os mais diversos temas. Assim, embora Benveniste seja conhecido como o grande linguista da enunciação e muitas vezes lembrado exclusivamente por essa parte de sua reflexão, as reflexões enunciativas correspondem apenas a um aspecto de sua produção, que compreende especialmente os textos contidos nos dois volumes dos *Problemas de linguística geral* (BENVENISTE, 2005, 2006) nas partes "A comunicação" e "O homem na língua". Esses textos não são fruto da intenção do autor de produzir uma teoria acabada e a noção de uma "linguística da enunciação" benvenistiana é fruto de uma leitura *a posteriori* (FLORES, 2013). No entanto, ainda que o artigo do qual tratamos aqui faça parte desse conjunto e contenha, portanto, reflexões enunciativas, trata-se de um texto que também permite leituras mais amplas do que às relacionadas à linguística da enunciação *stricto sensu*. Tal amplitude se evidencia pela multiplicidade de leituras que permitiu, algumas das quais abordaremos no próximo item. A hipótese de leitura que propomos insere-se nessa amplitude, referindo-se a um aspecto que pode ser relacionado a uma linguística geral.

Em relação ao momento em que o texto se situa cronologicamente na produção do linguista, é importante lembrar que antes da data de publicação do artigo (1959), Benveniste havia publicado uma série de estudos bastante relevantes sobre verbos e pronomes. O estudo "As relações de tempo no verbo francês" relaciona-se especialmente com "Estrutura das relações de pessoa no verbo" (BENVENISTE, 2005 [1946])<sup>3</sup> e "A natureza dos pronomes" (BENVENISTE, 2005 [1956]), uma vez que nesse texto o linguista opera com certas noções como *subjetividade* e com a distinção entre formas de *pessoa* e *não pessoa* que foram estabelecidas nos textos anteriores. Chamamos atenção, neste trabalho, especialmente para a noção de *subjetividade*. Na obra do linguista, encontramos ao menos dois sentidos para esse termo: o primeiro liga-se a uma perspectiva antropológica que

---

<sup>3</sup> Para todos os artigos de Benveniste mencionados, cito entre colchetes a data da publicação original do texto na primeira menção.

considera a *intersubjetividade* como inerentemente ligada ao exercício da linguagem - trata-se da noção apresentada em "Da subjetividade na linguagem". O segundo sentido se relaciona à presença ou ausência de marcas formais no enunciado ligadas à categoria de pessoa. Nesse segundo sentido, subjetividade, aquilo que é do domínio da pessoa (eu-tu), opõe-se a objetividade, aquilo que é do domínio da não-pessoa (ele)<sup>4</sup>. Esses dois sentidos não são contraditórios, pois se referem a questões distintas. Isso é especialmente relevante porque, em "As relações de tempo no verbo francês", Benveniste fala de um "passado subjetivo" que se oporia a um passado objetivo. No entanto, é evidente que nesse caso trata-se de objetividade/subjetividade no segundo sentido, pois é impossível que, nessa perspectiva teórica, qualquer exercício de linguagem seja destituído de subjetividade, no primeiro sentido.

Além disso, é importante atentar para a flutuação terminológica que atravessa toda a produção do linguista, como atestam Flores (2013) e Normand (1986). Em "As relações de tempo no verbo francês", há um aspecto bastante relevante a se considerar: trata-se das ocorrências do termo *enunciação*, que tem dois sentidos principais: um primeiro sentido está relacionado à noção de *ato de linguagem*, podendo ser aproximado das noções que aparecem em "Da subjetividade na linguagem" (BENVENISTE, 2005 [1958]), "A filosofia analítica e a linguagem" (BENVENISTE, 2005 [1963]) e "O aparelho formal da enunciação" (BENVENISTE, 2006 [1970]) (ONO, 2007); o segundo sentido é o de "enunciado" (ONO, 2007; FLORES, 2013). Ao nosso ver, esses dois sentidos coexistem em "As relações de tempo no verbo francês". Os planos da história e do discurso são "disponíveis para cada locutor" (BENVENISTE, 2005, p. 262), portanto, disponíveis para serem enunciados no primeiro sentido; no entanto, os critérios utilizados para identificar cada um dos planos referem-se a formas observáveis em enunciados - portanto, trata-se do segundo sentido. Essa observação é relevante porque o uso de "enunciação" na denominação dos dois planos causou muitos mal-entendidos (FLORES, 2013): se tomarmos enunciação apenas no sentido de *ato de linguagem*, a distinção apresenta contradições evidentes, já que em determinado momento Benveniste afirma que na *enunciação histórica* "ninguém fala".

---

<sup>4</sup> Cf. verbete "Subjetividade - Benveniste" no *Dicionário de Linguística da Enunciação* (FLORES; BARBISAN, FINATTO; TEIXEIRA (Orgs.), 2009) e, para uma distinção entre *subjetividade inerente* e *subjetividade enquanto efeito* na obra de Benveniste, SILVA (2021).

A partir dessas observações, passamos ao artigo em si. Em francês, existem duas formas para a expressão do passado - o aoristo (*passé simple*, o passado simples) e o perfeito (*passé composé*, o passado composto); por exemplo, para o verbo "fazer" as formas correspondentes são, respectivamente, *il fit* e *il a fait*. À primeira vista, trata-se de uma falha no sistema, já que não haveria necessidade, a princípio, de duas formas para a expressão do mesmo tempo. Tradicionalmente, compreende-se que se tratam, de fato, de duas formas equivalentes, mas sua coexistência seria evidência de uma fase de transição, ao fim da qual o passado composto tomaria o lugar do passado simples como forma preferida para a expressão do passado. Segundo tal interpretação, o uso do passado simples ocorre quase exclusivamente na escrita - que é mais conservadora - enquanto na fala predomina o passado composto seria uma evidência de tal processo de transição.

Benveniste, no entanto, opõe-se a tal interpretação, questionando por que a escrita e a fala difeririam na temporalidade, por que tal distribuição não ocorre com formas semelhantes - por exemplo, por que o futuro simples e o futuro composto não se comportam da mesma forma? - e se tal distribuição de formas entre fala e escrita realmente é atestada (BENVENISTE, 2005, p. 261).

Essa aparente redundância no sistema é o que permite a Benveniste, nesse artigo, discernir quais são as relações que organizam as formas temporais do verbo em francês (BENVENISTE, 2005, p. 261). Para além de não concordar com a interpretação tradicional sobre a concorrência entre o aoristo e o perfeito em francês, o linguista critica a maneira como o sistema verbo-temporal do francês é tradicionalmente descrito. Tal classificação toma como critério principal de organização a noção de tempo, agrupando os paradigmas com as três grandes categorias de presente, passado e futuro. Para Benveniste, a noção de tempo não é um critério suficiente para compreender a repartição das formas verbais em francês, tais divisões permanecendo distantes das realidades de emprego (BENVENISTE, 2005, p. 260). Outro critério frequentemente utilizado é o do aspecto, mas, assim como o critério temporal, não é suficiente para organizar as formas verbais. Além disso, outra questão criticada por Benveniste é a organização dos paradigmas segundo critérios morfológicos, que identificam como parte de uma mesma conjugação todas as formas verbais que são tiradas de um mesmo tema (BENVENISTE, 2005, p. 261).

Para o linguista, nenhum desses critérios - tempo, aspecto ou morfologia - são adequados para descrever a organização das formas verbais pessoais em francês. Segundo

Benveniste, “a organização dos tempos depende de princípios menos evidentes e mais complexos” (BENVENISTE, 2005, p.261). Sua análise, então, parte dessa problematização e propõe duas séries de relações que organizam as formas verbo-temporais em francês: a divisão entre *enunciação histórica* e *enunciação do discurso*, definida por critérios de tempo e pessoa; e a divisão das formas compostas dos verbos entre *formas de ação acabada* e *formas de anterioridade*.

A partir dessas críticas e questionamentos, Benveniste identifica duas séries de critérios organizadores do sistema verbo-temporal em francês. A primeira proposta, e a mais conhecida e relevante para os propósitos deste trabalho, é de que os tempos verbais em francês se distribuem em dois sistemas distintos e complementares que manifestam dois planos de enunciação diferentes e permanecem disponíveis para cada locutor. Trata-se do plano da *história* e do plano do *discurso*. (BENVENISTE, 2005, p. 261). Os dois planos correspondem a dois subsistemas de tempos e de pessoas verbais, e há traços que caracterizam os enunciados pertencentes a um ou outro plano.

O plano da *enunciação histórica* manifesta a *intenção histórica*, “uma das grandes funções da língua.” (BENVENISTE, 2005, p.262). Nesse plano, os acontecimentos são relatados como pertencentes ao passado sem que o locutor interfira na narrativa. (BENVENISTE, 2005, p.262). As formas linguísticas que caracterizam esse plano são de duas ordens. Em primeiro lugar, encontram-se apenas formas de terceira pessoa na narrativa histórica, o que lhe dá um valor diferente do discurso, configurando uma verdadeira ausência de pessoa - isso porque no plano da história a terceira pessoa não se opõe a nenhuma outra, enquanto no discurso ela se opõe à primeira e à segunda pessoa. Em segundo lugar, os tempos admitidos na *enunciação histórica* são: aoristo (o *passé simple* das gramáticas), imperfeito (*imparfait*) - incluindo-se a forma condicional, mais-que-perfeito (*plus-que-parfait*) e prospectivo, todos em forma de terceira pessoa. Os tempos excluídos são: presente (com exceção do “presente da definição”, um recurso estilístico), perfeito (*passé composé*) e futuro (simples e composto).

O plano da *enunciação de discurso*, por sua vez, compreende “toda enunciação que suponha um locutor e um ouvinte e, no primeiro, a intenção de influenciar, de algum modo, o outro.” (BENVENISTE, 2005, p. 267). Enquanto na enunciação histórica apenas existem formas de terceira pessoa, na enunciação de discurso há sempre a relação de pessoa *eu-tu*: “explícita ou não, a relação de pessoa está presente em toda parte” (BENVENISTE, 2005,

p.268). Em relação aos tempos, na *enunção de discurso* admitem-se todos, salvo o aoristo. Os tempos fundamentais desse modo de enunção são o presente, o futuro e o perfeito.

A partir dessa distribuição dos tempos verbais em dois planos de enunção<sup>5</sup>, Benveniste dá uma outra explicação para a relação entre o passado simples e o passado composto em francês: não se trata de uma relação de equivalência ou de concorrência, como tradicionalmente se entende. A percepção de que o passado simples esteja desaparecendo não se sustenta, já que uma forma só desaparece se sua função não for mais necessária ou se outra forma a cumprir melhor (BENVENISTE, 2005, p. 268). Como em francês o aoristo é uma forma fundamental para a expressão da *intenção histórica*, pois é o tempo adequado para exprimir a relação objetiva dos acontecimentos, não se trata de uma forma que esteja em vias de extinção. O perfeito, por sua vez, “estabelece um laço vivo entre o acontecimento passado e o presente no qual a sua evocação se dá. É o tempo daquele que relata os fatos como testemunha, como participante (...)” (BENVENISTE, 2005, p.270). O perfeito é reservado ao discurso porque sua marca temporal é o momento do discurso, enquanto a do aoristo é o momento do acontecimento (BENVENISTE, 2005, p.270).

Além disso, a percepção de que ou a língua escrita ou a falada determinam o uso do aoristo ou do perfeito também não se sustenta. Embora a enunção histórica predomine na língua escrita, a enunção de discurso não se restringe à língua falada, compreendendo “todos os gêneros nos quais alguém se dirige a alguém, se enuncia como locutor e organiza aquilo que diz na categoria de pessoa” (BENVENISTE, 2005, p.267). Outro aspecto relevante diz respeito à passagem de um plano para outro, que ocorre de forma instantânea. Por conta disso, é possível, por exemplo, haver discurso no interior de uma narrativa histórica.

Além da distinção entre *enunção de discurso* e *enunção histórica*, Benveniste também propõe uma outra distinção, compreendendo as formas compostas do verbo. Em francês contemporâneo, existem formas verbais simples, compostas e sobrecompostas. Por exemplo: o imperfeito é uma forma simples (*Il écrivait*) que tem um correlato composto, o mais-que-perfeito (*Il avait écrit*), e um correlato sobrecomposto, o mais-que-perfeito sobrecomposto (*Il avait eu écrit*). Benveniste percebe que as formas compostas mantêm dois tipos de relação com as formas simples: ora funcionam como formas de ação acabada, ora

---

<sup>5</sup> Benveniste também identifica um terceiro modo de enunção, que não é analisado por ele: o discurso indireto, em que “o discurso é referido em termos de acontecimentos e transposto para o plano histórico” (BENVENISTE, 2005, p.267).

funcionam como formas de anterioridade. No primeiro caso, as formas compostas têm por função ser um correlato no perfeito de um tempo simples, ou seja, um tempo que exprime “uma noção como ‘acabada’ em relação ao momento considerado e a situação ‘atual’ como resultando desse cumprimento temporalizado” (BENVENISTE, 2005, p. 272). Assim, cada tempo simples tem um tempo composto correspondente. O presente (*Il écrit*) tem como par o passado composto (*Il a écrit*), o imperfeito (*Il écrivait*) tem como par o mais-que-perfeito (*Il avait écrit*), e assim por diante. Quando as formas compostas funcionam como formas de perfeito, elas podem construir-se como verbos de uma proposição livre. No entanto, os tempos compostos também têm outra função, a de indicar anterioridade - tomada aqui como uma relação lógica e intralinguística - em relação a um tempo simples (BENVENISTE, 2005, p.273). Como formas de anterioridade, os tempos compostos não existem como formas livres e sempre são utilizados com a forma verbal simples correspondente.

A partir dessa identificação das duas funções que as formas compostas exercem em francês, Benveniste observa que o passado composto apresenta uma particularidade. Isso porque, além de funcionar como um tempo composto, ele também funciona como um equivalente funcional - no discurso - do passado simples. Dessa forma, o passado composto também exerce uma função de tempo simples. Assim, por um lado, o passado composto exerce as duas funções que são comuns a todos os tempos compostos: funciona como uma forma de perfeito do presente e como uma forma de anterioridade do presente. Por outro lado, também exerce a função de tempo simples, funcionando como um “aoristo do discurso”, servindo à expressão de um passado mais “subjetivo”.

No entanto, como já observado pelo linguista, todos os tempos simples em francês têm um tempo composto correlato. Portanto, se o passado composto passou a funcionar como um tempo simples (por exemplo, *j’ai fait*), surgiu uma forma sobrecomposta como “par” do tempo composto com função de tempo simples (*j’ai eu fait*).

## **2. Algumas leituras, distintas interpretações**

“As relações de tempo no verbo francês” foi um artigo bastante lido, com especial atenção para a distinção entre *enunciação histórica* e *enunciação de discurso*. Além de se tratar de um texto explorado por uma série de autores, muitos manuais e gramáticas de língua francesa passaram a adotar a distinção para descrever a organização do sistema verbo-temporal francês, e especialmente para explicar a coexistência do passado simples com o

passado composto<sup>6</sup>. Neste item, apresentamos algumas leituras mais conhecidas que foram feitas do artigo de Benveniste. Do campo dos estudos linguísticos *stricto sensu*, tratamos de Harald Weinrich (2012) e Jean Cervoni (1989) De uma perspectiva da recepção *lato sensu*, apresentamos as leituras de Gérard Genette (1966) e Paul Ricoeur (2010a, 2010b).

Iniciamos por Gérard Genette (1966). No artigo intitulado "Frontières du récit", o autor reflete sobre a expressão literária, buscando estabelecer alguns limites negativos da narrativa. Genette identifica três fronteiras que distinguem as formas narrativas das formas não-narrativas: (1) *diégese* e *mimesis*, (2) narração e descrição e (3) narrativa e discurso, essa última a fronteira mais importante e significativa. Trataremos apenas da terceira, já que é para elaborá-la que Genette se vale da distinção de Benveniste entre *enunciação histórica* e *enunciação de discurso*, renomeada por ele como *narrativa* e *discurso* (*récit* e *discours*)<sup>7</sup>.

Genette (1966) traça um paralelo entre a *Poética* de Aristóteles e as distinções de Benveniste. Na *Poética*, segundo o autor, a literatura é reduzida ao domínio da literatura representativa (*poiésis* = *mimesis*); assim, aquilo que contemporaneamente é chamado de literatura poderia ser dividido em dois grandes grupos: uma literatura representativa e uma literatura "não representativa", excluída da *Poética*. A literatura representativa, ainda, corresponde a duas categorias: uma literatura de expressão direta - o teatro, por exemplo - e a narrativa - a poesia épica, em suas partes narradas. Para Genette, essa grande divisão pode ser relacionada à distinção de Benveniste. A literatura não representativa e a literatura representativa de expressão direta equivaleriam ao discurso e a literatura representativa narrativa, à narrativa.

Para Genette, a distinção de Benveniste contribui para a reflexão sobre a narrativa literária porque mostra que há formas gramaticais específicas da narrativa, que são excluídas do discurso. Trata-se, segundo Genette, de uma distinção estritamente linguística: a

---

<sup>6</sup> Cabe ressaltar que, embora a distinção seja bastante utilizada e atribuída a Benveniste, frequentemente o uso de *enunciação histórica/enunciação de discurso* ou de *narrativa/discurso* é uma mistura das proposições de outros autores com as de Benveniste (REVAZ; LUGRIN; ADAM, 1998) ou se afastam bastante da reflexão de Benveniste (VASSANT, 1981; BARBERIS; GARDES-MADRAY, 1983).

<sup>7</sup> Um aspecto importante a se destacar é a renomeação de *enunciação histórica/enunciação de discurso* para *narrativa/discurso* (*récit/discours*), uma vez que a renomeação de Genette aparece com bastante frequência atribuída a Benveniste. Em um texto posterior (GENETTE, 1983), o autor distingue história (*histoire*), narrativa (*récit*) e narração (*narration*). O primeiro refere-se ao conjunto de acontecimentos relatados; o segundo, ao discurso oral ou escrito que relata os acontecimentos; o terceiro, ao fato de narrar - o ato real ou fictício que produz esse discurso. Vemos que as definições de história e narrativa se afastam da definição de *enunciação histórica* de Benveniste, e o próprio Genette, nesse texto, destaca a importância de compreender as distinções em seus contextos.

subjetividade do discurso refere-se à presença ou referência a *eu* e à coincidência do acontecimento descrito com a instância do discurso; enquanto a objetividade da narrativa se define pela ausência dessa referência a *eu*. Assim, as formas linguísticas são particulares de cada língua. Por conta disso, Genette fala em uma “autonomia na narrativa” em oposição a uma “dependência do discurso”, uma vez que a primeira apaga a referência à instância do discurso que o constitui e o segundo depende das referências à instância de discurso que o contém. Além disso, Genette também conclui que o discurso seria o modo natural da linguagem, já que quando há intrusão da narrativa no discurso, esse não cessa de ser discurso; a narrativa, então, seria um modo particular, já que quando há a intrusão do discurso na narrativa, este permanecerá discurso.

Passamos, agora, à leitura de Paul Ricoeur (2010a, 2010b) em *Tempo e Narrativa*, publicado originalmente em 1983. Nesse extenso trabalho, Ricoeur parte da seguinte hipótese:

(...) existe, entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana, uma correlação que não é puramente acidental, mas apresenta uma forma de necessidade transcultural. Ou, para dizê-lo de outra maneira: o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança sua significação plenária quando se torna uma condição da existência temporal (RICOEUR, 2010a, p. 93).

Em torno dessa hipótese, Ricoeur empreende uma longa investigação. Ricoeur explora a relação entre tempo e narrativa a partir da observação de que há três momentos do processo mimético: *mimesis I* - o tempo prefigurado, relativo ao campo prático, da ação; *mimesis II* - o tempo configurado, que tem uma função de mediação e é aquele da configuração textual; e *mimesis III* - o tempo refigurado pela recepção da obra, novamente uma experiência prática como *mimesis I*. Nessa configuração, a composição da intriga tem um papel mediador entre um estágio da experiência prática que a precede e um estágio que a sucede. O leitor, nessa configuração, é um operador que, por meio do ato de leitura, assume a unidade do percurso de *mimesis I* a *mimesis III* através de *mimesis II* (RICOEUR, 2010a, p. 95).

Na terceira parte de *Tempo e Narrativa*, o autor busca compreender especificamente os jogos com o tempo no interior da narrativa, interrogando-se sobre os recursos que os sistemas de tempos verbais oferecem à enunciação. Para tanto, vale-se das reflexões de três autores: Émile Benveniste, Käte Hamburger e Harald Weinrich. Para Ricoeur, esses autores fazem surgir um paradoxo: os sistemas de tempos nas línguas não derivam da experiência da

experiência fenomenológica do tempo e da distinção intuitiva entre presente, passado e futuro; ao mesmo tempo, tais sistemas *não se desvinculam completamente* da referência à experiência fenomenológica do tempo (RICOEUR, 2010b, p. 105). Há, então, uma complexa relação entre o tempo da ficção e o tempo da experiência fenomenológica. A partir dessa constatação, Ricoeur formula uma interrogação relacionada à tese central de *Tempo e Narrativa*: como se dá a relação entre esse sistema dos tempos verbais e a vivência temporal?

Buscando elaborar uma resposta, Ricoeur vale-se da distinção de Benveniste para afirmar que a distribuição dos tempos pessoais do verbo em francês em dois sistemas distintos deve, a princípio, ser considerada como independente da noção de tempo e de suas três grandes categorias (presente, passado e futuro); no entanto, a distinção não deixa de ter alguma relação com essa noção. Um dos aspectos que caracteriza a *enunciação histórica*, por exemplo, é a ideia da referência ao passado - real ou fictício - em sua definição. Além disso, Ricoeur afirma que está contida nessa noção de passado, em Benveniste, não implicar a autorreferência do locutor à sua própria enunciação, diferentemente do discurso.

Em relação ao presente, Ricoeur destaca duas questões a serem consideradas: o critério gramatical - determinado pela presença de marcas autorreferenciais - e o significado da autorreferência - ou seja, a contemporaneidade da coisa narrada e da instância do discurso. Ainda, para Ricoeur, é necessário fazer uma distinção, na narrativa, entre *enunciação* (o *discurso* de Benveniste) e *enunciado* (a *narrativa* de Benveniste). Tal desdobramento entre enunciação e enunciado, na perspectiva de Ricoeur, é um privilégio da narrativa, por conta da ausência de marcas autorreferenciais.

Essa distinção cria um duplo problema: de um lado, o problema das relações entre o tempo da enunciação e o tempo do enunciado; de outro, o problema das relações entre esses dois tempos e o tempo da vida/ação. Ricoeur considera, na formulação desses problemas, três tempos: tempo de narrar (enunciação), tempo narrado (enunciado) e tempo da vida/ação. Assim, são a conjunção e a distinção entre o tempo de narrar (enunciação) e o tempo narrado (enunciado) que projetam no mundo do texto uma experiência fictícia do tempo.

Passamos, agora, para o campo dos estudos linguísticos *stricto sensu*. Harald Weinrich<sup>8</sup>, no trabalho *Tempus Besprochene und erzählte Welt*, originalmente publicada em

---

<sup>8</sup> Para um trabalho que trata mais detidamente das diferenças entre a proposta de Benveniste e a de Weinrich, cf. Ciulla (2022).

1964, propõe uma distinção que se assemelha a de Benveniste: *mundo narrado* e *mundo comentado*. A semelhança é reivindicada pelo próprio Weinrich, ao afirmar que a proposta de Benveniste se refere aos mesmos fenômenos dos quais ele próprio trata, ainda que se valham de métodos distintos (WEINRICH, 2012 p. 261). Contudo, as duas distinções apresentam diferenças importantes. Weinrich parte de uma linguística textual, buscando encontrar regularidades de distribuição de formas linguísticas nos textos, e a distinção entre *mundo comentado* e *mundo narrado* parte de uma distinção entre duas diferentes atitudes de locução. A atitude de locução é “a relação psicológica que ele [o locutor] mantém com o conteúdo de seu texto (e aquilo que ele tenta provocar em seu ouvinte)” (GRUMBACH, 1977, tradução nossa). No caso do mundo comentado, a atitude de locução informa o interlocutor que é necessária uma atitude mais vigilante, enquanto o mundo narrado corresponde a uma atenção um pouco mais relaxada (WEINRICH, 1964 apud GRUMBACH, 1977).

Na distinção de Weinrich, presente, passado composto e futuro fariam parte do *mundo narrado*, enquanto passado simples, imperfeito, mais-que-perfeito e condicional fariam parte do *mundo comentado*. O autor recorre a Benveniste para tratar do duplo estatuto do passado composto no francês, que funciona ora como um tempo composto, ora como um tempo simples. Contudo, Weinrich defende que outras categorias devem ser consideradas além da descrição da combinação de tempo e pessoa. Assim, adiciona à análise de Benveniste outras questões, como a atitude de locução, a perspectiva de locução e a ênfase, propondo outras análises, como da frequência de combinação de advérbios com cada tempo verbal.

Passamos, por fim, à leitura de Jean Cervoni (1989) em um pequeno livro intitulado “A enunciação”, no qual o linguista explora algumas das problemáticas relacionadas à enunciação, entre elas, a questão do tempo. Ao tratar dessa questão, critica duramente a distinção de Benveniste.

Em primeiro lugar, a compreensão de Cervoni sobre o valor e a relação entre o passado simples e o passado composto em francês é distinta da de Benveniste. Cervoni entende que o passado simples se caracteriza por captar “o acontecimento passado em sua superveniência no tempo” (CERVONI, 1989, p.37), não se caracterizando por indicar um acontecimento pontual; enquanto o passado composto exprime o resultado presente de um acontecimento inteiramente superado. Para Cervoni, é um tempo quase equivalente ao passado simples, porém capta a totalidade do processo de dentro (CERVONI, 1989, p.39). O autor defende a interpretação segundo a qual há uma relação de concorrência entre as duas

formas verbais da qual o vencedor é o passado composto, indicando que esse último prevalece na língua falada desde o século XVIII e que a escolha entre passado composto ou passado simples na narração é puramente estilística (CERVONI, 1989, p. 39).

Além de compreender os valores dos dois tempos e a relação entre eles de forma distinta do que faz Benveniste, Cervoni faz críticas que seguem duas grandes linhas. Em primeiro lugar, o autor afirma que Benveniste delimita os dois planos de enunciação de forma categórica e que a distribuição de marcas formais encontradas nos enunciados não correspondem a essa distinção. Cervoni argumenta que o emprego da terceira pessoa e a exclusão dos dêiticos não são marcas específicas da história - o discurso científico, por exemplo, também teria tais características. O linguista também afirma que não haveria valores diferentes para a terceira pessoa na história e no discurso. Além disso, apesar de concordar que "o único ponto indiscutível é que 'o aoristo' só é empregado no relato escrito de acontecimentos passados, que nele a terceira pessoa é mais usual do que a primeira, e que a segunda é rara" (CERVONI, 1989, p. 42), Cervoni afirma que tal restrição ao uso do aoristo não é suficiente para propor que haja dois modos de enunciação previstos pela língua. Para o autor, ainda, o gênero histórico é apenas um gênero no qual predomina o emprego de certas formas, e é inadequado atribuir a esse gênero o estatuto de um tipo de enunciação inscrita no sistema da língua (CERVONI, 1989, p. 40)

Em segundo lugar, Cervoni afirma que a distinção *história/discurso* corresponde à dicotomia *objetividade/subjectividade* e essa última não apresenta vantagens. Segundo o autor, tal equivalência se justificaria porque "As relações de tempo no verbo francês" encontra-se na parte dos *Problemas de linguística geral I* intitulada "O homem na língua" e porque algumas das definições que Benveniste dá para noções como *histórica*, *discurso*, *aoristo* e *perfeito* sugerem essa interpretação (CERVONI, 1989, p.44). No entanto, para Cervoni a distinção *objetividade/subjectividade* não apresenta vantagens porque a subjectividade é onipresente na linguagem (CERVONI, 1989, p.47), sendo a objetividade é apenas uma estratégia que não está ligada a formas específicas. Cervoni propõe, por fim, que seria mais adequado, a fim de analisar os graus de subjectividade das produções de linguagem, propor uma tipologia que compreendesse vários tipos intermediários em lugar de uma dicotomia.

Apresentadas essas quatro leituras, observamos que, em relação aos trabalhos de Genette e Ricoeur, Benveniste é apenas um ponto de partida para reflexões mais amplas, que

não se restringem a questões linguísticas: respectivamente, a fronteira entre formas narrativas e não narrativas na literatura e a relação entre a narrativa e o caráter temporal da experiência humana. Genette renomeia a distinção e parece se distanciar em certa medida do entendimento de Benveniste do que seja a narrativa, além de chegar a algumas conclusões não licenciadas pelo artigo do linguista; por exemplo, de que o discurso seria o modo natural da linguagem e a narrativa, um modo particular. Ricoeur, por sua vez, destaca um aspecto que julgamos essencial e que se relaciona à nossa proposta de leitura: a noção de um passado que não implica autorreferência faz parte da definição de *enunciação histórica* proposta por Benveniste.

Em relação às leituras de Weinrich e Cervoni, o primeiro insere-se em um quadro teórico distinto, o da linguística textual, e parte de pressupostos diferentes dos de Benveniste, ainda que sua distinção guarde alguma semelhança com a do linguista sírio-francês. Já Cervoni faz críticas em nossa opinião bastante inadequadas ao artigo de Benveniste, fazendo leituras inapropriadas, por exemplo, ao equivaler a distinção entre *história* e *discurso* a *objetividade* e *subjetividade*.

Desse breve panorama, é possível reconhecer que “As relações de tempo no verbo francês” é um artigo que permite leituras múltiplas e para os mais diferentes fins. Na próxima seção, apresentamos uma proposta de leitura a partir de um aspecto pouco abordado.

### **3. Uma proposta de leitura: a noção de *função histórica***

Nossa proposta tem como ponto de partida um texto de Michel Arrivé intitulado “*Histoire, discours : retour sur quelques difficultés de lecture*” (1997). Nesse artigo, Arrivé aborda algumas dificuldades de leitura ocasionadas por “As relações de tempo no verbo francês”, tratando de três questões: o problema do presente histórico, o problema do aoristo como forma de ação acabada e o problema da universalidade da distinção. Tratamos, aqui, apenas do terceiro problema.

Uma das críticas bastante frequente ao artigo de Benveniste é que a distinção que ele elabora entre *enunciação histórica* e *enunciação de discurso* seria válida apenas para o francês contemporâneo, o que evidentemente tornaria tal distinção pouco produtiva. A partir dessa crítica, Arrivé apresenta três possibilidades de interpretação: (1) a distinção *enunciação histórica/enunciação de discurso* só tem validade para o francês contemporâneo; (2) trata-se

de uma distinção que pretende ter alcance geral, mas não o tem; (3) trata-se de uma distinção geral, porém a distribuição das formas temporais do verbo varia em cada estado de língua.

Arrivé defende a terceira interpretação, afirmando que, embora o artigo trate apenas do francês contemporâneo e traga exemplos somente desse estado de língua, a distinção é universal:

*La prise en compte spécifique du français est évidemment incontestable. Mais elle peut être envisagée d'un double point de vue. Du point de vue heuristique, elle est l'élément déclencheur de l'analyse. Du point de vue proprement théorique, elle n'est que la retombée, sur une langue particulière, d'une théorie de portée universelle<sup>9</sup>. (Arrivé, 1997)*

Concordamos com a interpretação de Arrivé de que a distinção tem alcance geral, e que por isso o artigo de Benveniste inclui, simultaneamente, descrição de um estado de língua particular e teorização sobre a linguagem. Tal interpretação pode ser corroborada se compararmos esse texto a outras produções do linguista. Em artigos que fazem parte do mesmo momento temático de reflexão, como “Estrutura das relações de pessoa no verbo” (BENVENISTE, 2005) e “A natureza dos pronomes” (BENVENISTE, 2005), publicados respectivamente em 1946 e 1956, Benveniste faz o mesmo movimento de estudo de línguas particulares para tratar de questões de linguagem, ainda que, nesses últimos, tal movimento seja mais evidente pela menção ao grande número de línguas. Em “A natureza dos pronomes”, Benveniste assinala que “(...) o problema dos pronomes é ao mesmo tempo um problema de linguagem e um problema de línguas, ou melhor, que só é um problema de línguas por ser, em primeiro lugar, um problema de linguagem” (...) (BENVENISTE, 2005, p. 277). Em “Da subjetividade da linguagem”, encontramos uma afirmação semelhante: “Falamos realmente da linguagem e não de línguas particulares. Os fatos das línguas particulares, que concordam, testemunham pela linguagem” (BENVENISTE, 2005, p. 287).

Diversos autores já fizeram observações sobre a relação entre o estudo de línguas e da linguagem na obra de Benveniste. Para Laplantine (2019), o trabalho de descrição de línguas particulares conduz a uma reflexão generalizante sobre a linguagem. Culioli (1984), por sua vez, aponta a postulação explícita de Benveniste de que a linguística é, simultaneamente, ciência da linguagem e ciência das línguas como um importante

---

<sup>9</sup> A consideração específica do francês é evidentemente incontestável. No entanto, ela pode ser considerada de um duplo ponto de vista. Do ponto de vista heurístico, ela é o elemento que desencadeia a análise. Do ponto de vista propriamente teórico, ela é apenas a repercussão, sobre uma língua particular, de uma teoria de alcance universal. (tradução nossa)

desenvolvimento da linguística teórica, destacando que se trata de uma posição inovadora: a de que a linguagem só pode ser apreendida a partir da diversidade das línguas, por meio de uma teoria, da observação e da generalização.

Assim, defendemos, como Arrivé (1997), que a distinção entre *enunciação histórica* e *enunciação de discurso* tem um porte geral. Trata-se de uma questão de linguagem que, em francês contemporâneo, apresenta contornos bastante específicos pela coexistência, nesse estado de língua, de duas formas verbais para a expressão do passado que caracterizam cada modo de enunciação nessa língua específica. No entanto, daí não se conclui que uma língua que não apresente formas semelhantes para a expressão do passado seja destituída do plano da enunciação histórica, uma vez que esse único não se define pela existência de um tempo verbal específico para a narrativa.

No entanto, gostaríamos de ampliar a perspectiva de Arrivé, incluindo na discussão um aspecto do texto de Benveniste que diz respeito à linguagem: trata-se da noção de *função histórica*. Ao nosso ver, na definição do plano da enunciação histórica, Benveniste evidencia o fato de não se tratar de uma distinção específica do francês, mas de uma questão de linguagem: "(...) A intenção histórica constitui realmente uma das grandes **funções da língua**: imprime-lhe a sua temporalidade específica, cujas marcas formais devemos agora assinalar." (BENVENISTE, 2005, p. 262, grifos nossos). Compreendemos que, ao falar de uma *função da língua*, Benveniste trata de uma questão geral das línguas e, portanto, da linguagem. Assim, a *intenção histórica* pode ser entendida como uma *função de linguagem* que imprime uma temporalidade específica na *língua*, o que permite observar marcas formais nos enunciados. No artigo, Benveniste trata das marcas formais de apenas uma língua, mas seria possível analisar outros sistemas linguísticos valendo-se da mesma distinção<sup>10</sup>.

A questão é saber como poderíamos caracterizar essa intenção histórica, que, a partir de agora, chamaremos de *função histórica*. Voltemos ao artigo de Benveniste. Ao analisar o francês contemporâneo, o linguista afirma que o aoristo, que pertence ao plano da *enunciação histórica*, "objetiva o acontecimento destacando-o do presente" (BENVENISTE, 2005, p. 275), enquanto o passado composto, que pertence ao plano da *enunciação de discurso*, "põe o acontecimento passado em ligação com o nosso presente" (BENVENISTE,

---

<sup>10</sup> Ciulla (2020), por exemplo, propõe uma análise de textos em português a partir dessas categorias.

2005, p. 275). Trata-se de dois modos diferentes de narrar, o que é corroborado por uma nota na qual Benveniste destaca que os dois tempos podem ser considerados narrativos:

Falamos sempre dos termos da 'narrativa histórica' para evitar o termo 'tempos narrativos' que causou tanta confusão. Nas perspectivas que traçamos aqui, o aoristo é um 'tempo narrativo', mas o perfeito pode também ser um, o que obscureceria a distinção essencial entre os dois planos de enunciação (BENVENISTE, 2005, p. 268)

É possível pensar, então, que em francês há duas formas de narrar, uma delas mais "objetiva", e que, por consequência, a enunciação histórica trata da disponibilidade, para o locutor, de uma forma de narrar "objetiva". Tal "objetividade" da narrativa histórica é apenas um efeito que surge como consequência do apagamento de certas marcas - das marcas de autorreferência<sup>11</sup>.

Há outros excertos em que Benveniste caracteriza o plano da enunciação histórica que corroboram tal interpretação: trata-se da apresentação dos fatos "sem nenhuma intervenção do locutor na narrativa" (BENVENISTE, 2005, p. 262); é um plano que se reconhece porque "impõe uma delimitação particular às duas categorias verbais do tempo e da pessoa"; a enunciação histórica "exclui toda forma linguística "autobiográfica" [...] na narrativa histórica estritamente desenvolvida, só se verificarão formas de "terceira pessoa". (BENVENISTE, 2005, p. 262). Todos esses trechos parecem indicar que não é absurdo concluir que a enunciação histórica se refere à previsão, no sistema da língua, de um modo de enunciação que permita a exclusão das marcas de autorreferência.

Assim, a noção de *função histórica* que propomos que pode ser vislumbrada no artigo de Benveniste seria uma espécie de "compartimento para o narrado" nas línguas, incluindo o mecanismo de referência, mas não o de autorreferência das línguas. Evidentemente, trata-se de um tipo específico de narrativa, que, retomando Ricoeur, tem a propriedade de "se desdobrar em *enunciação* e *enunciado*" (RICOEUR, 2010b, p. 101). Tal desdobramento seria fruto desse apagamento das marcas de autorreferência. A maneira como essa função se manifesta em francês é descrita por Benveniste em seu artigo; seria necessário investigar

---

<sup>11</sup> Benveniste distingue, por um lado, signos que se referem "(...) a uma noção constante e 'objetiva'(...)" (BENVENISTE, 2005, p. 278) daqueles que se referem a uma "(...) realidade do discurso (...)" (BENVENISTE, 2005, p. 278). Assim, há signos autorreferenciais - como os pronomes pessoais e os dêiticos - e signos que não pertencem à esfera da autorreferência, como os nomes.

quais os mecanismos que outras línguas utilizam. De qualquer forma, tais mecanismos devem ter alguma relação com a questão da referência e da autorreferência.

### Considerações finais

Flores (2022), em um texto intitulado “A aporia da enunciação”, ao refletir sobre a linguística da enunciação que é feita em nome de Benveniste e sobre o que poderia ser, chega à seguinte formulação: “A enunciação mostra que há na linguagem grandes funções nas quais o homem se situa ao falar uma língua. A palavra-chave aqui é *função*. Nesse sentido, a enunciação é o puro ter-lugar das funções do homem na língua e na linguagem.” (FLORES, 2022, p. 19). E conclui: “a linguística das grandes funções da presença do homem na linguagem e nas línguas ainda está por ser feita” (FLORES, 2022, p. 20).

A noção de *função histórica* que propomos vislumbrar a partir de “As relações de tempo no verbo francês”, ao nosso ver, insere-se nessa perspectiva: trata-se de uma das funções da linguagem nas quais o homem se situa. No entanto, tal formulação coloca uma série de questões para futura discussão. O que significa, em termos epistemológicos, afirmar que há, na linguagem, a previsão de um compartimento para o narrado? Que outras *funções* seriam possíveis vislumbrar na obra de Benveniste? De que tipo de universal linguístico falamos aqui? Qual linguística seria possível a partir dessa noção? Sem dúvida, a noção de *função* no conjunto da obra de Benveniste precisa ser mais bem explorada, bem como seu alcance epistemológico.

### REFERÊNCIAS

ARRIVÉ, Michel. Histoire, discours : retour sur quelques difficultés de lecture. *Linx*, Paris, n. 9, p. 159-168, 1997. Disponível em: <https://journals.openedition.org/linx/1028>

BARBÉRIS, Jeanne-Marie; GARDES-MADRAY, Françoise. Réflexion théorique et visée pédagogique : les concepts de discours et d'énonciation historique. *L'Information Grammaticale*, Leuven, n. 18, p. 30-35, 1983. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/igram\\_0222-9838\\_1983\\_num\\_18\\_1\\_2295](https://www.persee.fr/doc/igram_0222-9838_1983_num_18_1_2295)

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

CERVONI, Jean. **A enunciação**. São Paulo: Ática, 1989.

CIULLA, Alena. Análise textual à luz da teoria benvenistiana: uma reflexão sobre o tempo verbal. In: ROSARIO, Heloisa Monteiro; HOFF, Sara Luiza; FLORES, Valdir do Nascimento. **Leituras de Émile Benveniste**. 1. ed. Porto

Alegre: Zouk, 2022. p. 66-77. Disponível em: <https://www.editorazouk.com.br/pd-93a79f-leituras-de-emile-benveniste.html?ct=308e81&p=1&s=1>

CIULLA, Alena. O tempo dos verbos como categoria de análise textual. **Fragmentum**, Santa Maria, n. 56, p. 195-216, jul./dez. 2020. Disponível em : <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/48086/pdf>

CULIOLI, Antoine. Théorie du langage et théorie des langues. In: SERBAT, Guy (ed.). *E. Benveniste aujourd'hui: Actes du colloque international du C.N.R.S.* v. 1. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique / Éditions Peeters, 1984. p. 77-85.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges; FINATTO, Maria José Bocorny.; TEIXEIRA, Marlene (Orgs.). **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, Valdir do Nascimento. A aporia da enunciação. In: ROSARIO, Heloisa Monteiro; HOFF, Sara Luiza; FLORES, Valdir do Nascimento. **Leituras de Émile Benveniste**. 1. ed. Porto Alegre: Zouk, 2022. p. 12-20. Disponível em: <https://www.editorazouk.com.br/pd-93a79f-leituras-de-emile-benveniste.html?ct=308e81&p=1&s=1>

FREISLEBEN, Larissa Colombo. **Sobre a noção de função histórica**: uma leitura de "As relações de tempo no verbo francês", de Émile Benveniste. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/235358>

GENETTE, Gérard. Frontières du récit. **Communications**, Paris, v. 8, p. 152-163, 1966. Disponível em : [https://www.persee.fr/doc/comm\\_0588-8018\\_1966\\_num\\_8\\_1\\_1121](https://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1966_num_8_1_1121)

GENETTE, Gérard. **Nouveaux discours du récit**. Paris : Seuil, 1983.

GRUMBACH, Jenny. Linguistique textuelle et étude des textes littéraires (à propos de *Le Temps* de H. Weinrich). **Pratiques**: linguistique, littérature, didactique, Metz, n. 13, p. 77-90, 1977. Disponível em : [https://www.persee.fr/doc/prati\\_0338-2389\\_1977\\_num\\_13\\_1\\_985](https://www.persee.fr/doc/prati_0338-2389_1977_num_13_1_985)

LAPLANTINE, Chloé. Emile Benveniste : « Or, comment produit-on la langue ? On ne reproduit rien ». **Revue TDFLE**, Montpellier, Hors-série n. 9, 2019. Disponível em: <https://revue-tdfle.fr/articles/hors-serie-9/219-emile-benveniste-or-comment-produit-on-la-langue-on-ne-reproduit-rien>

NORMAND, Claudine. Les termes de l'énonciation de Benveniste. **Histoire Épistémologie Langage**, Paris, tome 8, fascicule 2, 1986. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/hel\\_0750-8069\\_1986\\_num\\_8\\_2\\_2232](https://www.persee.fr/doc/hel_0750-8069_1986_num_8_2_2232)

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa 1**: a intriga e a narrativa histórica. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa 2**: a configuração do tempo na narrativa de ficção. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

REVAZ Françoise, LUGRIN Gilles, ADAM Jean-Michel. Pour en finir avec le couple récit / discours. **Pratiques**: linguistique, littérature, didactique, Metz, n. 100, p. 81-98, 1998. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/prati\\_0338-2389\\_1998\\_num\\_100\\_1\\_1853](https://www.persee.fr/doc/prati_0338-2389_1998_num_100_1_1853)

SILVA, Daniel Costa da. **A noção de subjetividade em Émile Benveniste**. 2021. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/235196>

VASSANT, Annette. Ambigüités et mésaventures d'une théorie linguistique : les relations de temps dans le verbe français d'E. Benveniste. **L'Information Grammaticale**, Leuven, n. 9, p. 13-19, 1981. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/igram\\_0222-9838\\_1981\\_num\\_9\\_1\\_2435](https://www.persee.fr/doc/igram_0222-9838_1981_num_9_1_2435)

WEINRICH, Harald. **Le Temps** : le récit et le commentaire. Limoges: Lambert-Lucas, 2012.

ONO, Aya. **La notion d'énonciation chez Émile Benveniste**. Limoges: Lambert-Lucas, 2007.

---

<sup>i</sup> Doutoranda em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

E-mail: [larissacfreisleben@gmail.com](mailto:larissacfreisleben@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2191-1730>

**Recebido em 28/04/2023**

**Aprovado em 02/10/2023**



Esta obra está licenciada sob uma licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).